



LETRAMENTO DIGITAL NUMA PERSPECTIVA REFLEXIVA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ana Paula Olegário da Silva (PPGFP - UEPB)

anapaula.olega@gmail.com

Prof.^a: Dr.^a. Paula Almeida de Castro (UEPB)

emailsdapaula@gmail.com

INTRODUÇÃO: O rápido avanço tecnológico que marca a sociedade contemporânea vem estabelecendo, segundo Giddens (1997), uma interconexão global cujas consequências são mudanças nas relações de aprendizagem. Ao originar novas formas de comunicação e veiculação da informação, a tecnologia (em especial, os computadores e a internet) permite que os conhecimentos de uma área possam ser utilizados em outras, favorecendo, assim, uma visão interdisciplinar das áreas do conhecimento, sendo assim temos como objetivo refletir acerca do letramento digital e a formação de professores, diante dos desafios da escola perante as novas práticas de leitura e escrita propiciadas pelos usos do computador e da internet. Através dos estudos acerca da temática refletiremos os caminhos que a escola e os professores precisam trilhar para se adequarem as novas tecnologias. Para isso adotamos como referencial teórico e metodológico as proposições de: Giddens (1997); Soares (1998,2005); Freire (1996); PCNEM (2000); Kensky (2004); Levy (1999).

METODOLOGIA: Para tanto por meio de um levantamento bibliográfico e documental discutiremos e refletiremos sobre a relevância das tecnologias nas práticas pedagógicas do professor e os desafios da escola diante de novas práticas de leitura e de escrita a partir do letramento digital, levando em consideração as discussões e a problematização do tema que se apresenta como processo na construção do conhecimento do leitor x escritor como um ato de descobrir e interpretar sentidos, em função das interações com os outros, por outro lado a teoria de letramento proporciona ao leitor posicionamento crítico e tende ao coletivo/social. Proporcionando ao leitor, escritor fazer parte da construção do próprio saber por meio da interação em ambientes virtuais.



RESULTADOS E DISCUSSÕES: Ao falar em letramento nos remete a ideia de que letrar é alfabetizar ensinar a ler e escrever, porém a partir das novas concepções percebemos a diferença entre letramento e alfabetização, tendo em vista que podemos ser letrados sem ser alfabetizados e vice-versa .Visto que o letramento acontece de forma autônoma, por meio de diferentes contextos sociais e não necessariamente no espaço escolar . Na contemporaneidade com as mídias digitais, precisamos reinventar a prática escolar, não somente letrando, mas, sobretudo multiletrando. Diante das novas perspectivas em relação ao domínio das capacidades de linguagem dentre elas a leitura e a escrita, que enquanto prática social são condições fundamentais no exercício da cidadania que se apresentam na atualidade com novas formas de ensinar e aprender. Para melhor compreender o termo fizemos um breve levantamento sobre o que é letramento?

Para Soares (1998, p.47) o termo letramento é considerado como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Ou seja, a ideia de letra e escrita está etimologicamente ligada, sendo assim é necessário alfabetizar letrando visto que são ações distintas porém indissociáveis das práticas sociais de modo que o processo de ensinar a ler e escrever deve proporcionar ao individuo ser alfabetizado e letrado ao mesmo tempo. A autora também descreve o letramento digital como:

“um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela ,diferente do estado ou condição do letramento dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel” (SOARES ,2002,p.15).

A aquisição do sistema de escrita através do letramento digital ocorre de forma distinta possibilita novos modos de aprender a aprender a partir de diferentes contextos para além, do estado ou condição de quem exerce as práticas sociais da leitura e da escrita. O letramento digital amplia esse leque de possibilidades de contato com a escrita em ambientes virtuais interativos. Assim, a escola deve incluir ampliar e rever a necessidade de empregar estas tecnologias nas salas de aula, na qual a inclusão digital é um dos grandes desafios da sociedade contemporânea: formar cidadãos preparados para atuar em diferentes áreas do conhecimento, o que



tem exigido cada vez mais um grau maior de letramento para atuar na sociedade de forma mais justa e igualitária. De acordo com (LEVY,1999,p.17) a cibercultura designa:

O conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Segundo o mesmo autor, ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

O ciberespaço surge como um novo cenário para aprender virtualmente, num processo interativo com o outro, ou seja, as redes sociais permitem que o professor utilize diferentes metodologias para incentivar e motivar o aluno. Nesse ponto, acreditamos nos princípios freirianos de uma pedagogia da autonomia FREIRE (1996). Assim, a rede se constitui, por excelência, como a possibilidade de estruturar a formação de uma cultura (cibercultura) no ciberespaço, ampliando, assim, as funções cognitivas, humanas, sociais e culturais. O professor na contemporaneidade, independente de qual modalidade educativa atue, precisa se adaptar para lidar com diversas situações, das quais lhe é exigido uma nova performance de educador.

Pensar a formação de professores requer refletir a necessidade de inserir esse profissional nas práticas digitais, possibilitar não só o acesso a tais tecnologias, mas garantir uma formação que possibilite capacidades básicas para o uso em sala de aula, visto que os alunos da contemporaneidade são nativos da era digital com experiências diversas em relação às tecnologias digitais. Tais mudanças exige um novo perfil de professor que esteja preparado para exercer sua função, não apenas como um transmissor de conteúdo, mas espera-se que ele esteja preparado para atuar nesse novo modelo de escola, sendo capaz de transformar sua prática. Daí surge às seguintes indagações: Quais as contribuições das tecnologias na minha prática pedagógica? O que estou fazendo para me adaptar as novas formas de ensinar e aprender? Esses questionamentos nos fazem pensar no papel da escola. Assim, esses espaços híbridos em que a sociedade contemporânea está imersa estabelecem interações por meio da internet, permitindo a conexão e possibilitando o acesso às informações das demais áreas do conhecimento, a partir das novas



tecnologias o processo de ensino aprendizagem tornou-se mais participativo, democrático e menos excludente. “[...] Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida” (PCNEM, 2000, p. 13).

Portanto, os usos das novas tecnologias não se restringem apenas a aprender lidar com computadores requer muito mais que simplesmente operar tal ferramenta, é preciso que o uso das novas tecnologias e informações seja relevante para sua vida cotidiana, diante da diversidade de saberes e fazeres vivenciados no ambiente escolar a partir de constantes reflexões a respeito do que é a escola e suas funções, ou seja, o diálogo entre professores e alunos é uma importante ferramenta para compreendermos a concepção de escola diante dos desafios e perspectivas enfrentados por ela.

Dessa forma, a escola existe exatamente para cuidar e expandir o saber. Contudo, é importante salientarmos que esse lugar chamado “lugar do saber”, não pode ser visto como único ambiente que supostamente se concentra a verdade. É importante ressaltar que a escola deixou de ser vista como detentora do saber e passou a “competir” com outros espaços distintos de aprendizagens. Na era digital a escola tem se tornado uma instituição obsoleta na medida em que não tem conseguido fazer com que seus alunos sintam prazer em está nesse ambiente. O avanço tecnológico que marca a sociedade contemporânea deixou marcas e a urgência dessa instituição está imersa nesse novo modelo de escola, que ao invés de muros deve está cercado de redes que lhes possibilite comunicar-se e aprender de forma autônoma. Segundo Kenski (2004, p. 135), “na atualidade, a sala de aula é um dos raros espaços onde as pessoas se encontram fisicamente presentes para realizarem atividades em comum e a se ajudarem mutuamente a aprender”.

CONCLUSÃO: Portanto finalizamos refletindo a urgência da inserção das novas tecnologias no espaço escolar. O ciberespaço, particularmente a internet, facilita o acesso às tecnologias da informação e comunicação e tem alterado de forma significativa o processo ensino aprendizagem contribuindo para mudanças nas práticas de leitura e escrita mediadas pelas tecnologias digitais. Essas modificações requer o desenvolvimento de ações comunicativas reflexivas e conscientes sobre as informações adquiridas e produzidas em ambientes virtuais. É importante enfatizar



o interesse dos estudantes por essa ferramenta tecnológica, o prazer de navegar no ciberespaço, pode ser utilizado a favor da prática pedagógica por meio da leitura e da escrita mediados pelas mídias digitais, favorecendo a possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Básica Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta, 1997.

KENSKI, Vani Moreira. (Org). **Repensando a avaliação da aprendizagem**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Repensando a didática**. 21 ed. Campinas: Papyrus, 2004.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

.SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Campinas, 2002.